

Stadium

N.º 155 ✦ 21 DE NOVEMBRO DE 1945 ✦ PREÇO 1\$50

O nosso

fotógrafo colheu êste belo
instantâneo em frente das rêdes!

O avançado Luiz Cordeiro, tendo saltado
mais que Correia, o guarda-rêdes, é, no
entanto, batido. Baptista e Moraes seguem
a jogada. O árbitro também. O lance
tem beleza e harmonia. É por isso
que o futebol atrai grandes
assistências



A questão do "título" está resolvida

Cumprimentemos com respeito um grupo que joga tão bem!

Os desafios da TAPADINHA e das SALÉSIAS

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

A oitava jornada do Campeonato de Lisboa confirmou o título de campeão, mas deixou em suspenso outros problemas que, por secundários, não deixem de oferecer interesse. A vitória belenense é já indiscutível e clara. Nada pode tirar o brilhante título ao clube de Belém. Nem seria justo! O *team* que está, presentemente, a jogar mais do que outro qualquer, bem merece o galardão. Cinco pontos de vantagem sobre o Atlético e o Sporting, com os mesmos dezasseis pontos, transformam-se em uma posição inacessível. A muralha está solidamente fortificada, e todos os ataques resultarão impotentes. Escusado lutar mais. Raras vezes, mesmo, um título ficou decidido tão depressa. A tradição lisboeta é a lutar travar-se até à última jornada, havendo dúvidas e apreensões até o derradeiro pontapé e remate. Isto mostra que uma boa distância separa o Belenenses dos outros concorrentes. Não queremos fazer previsões em relação ao futuro, com vista ao Campeonato Nacional. A forma, sabe-se, é variável, e um pormenor modifica num ápice o valor de um grupo. Mas não há dúvida que o Campeonato de Lisboa foi ganho por quem, de facto e de direito, o mereceu. Quem se atreverá a negar esta verdade?

O Atlético lutou mas sucumbiu Os «leões» metem respeito!

Há *teams* que metem mais respeito do que outros. Agora o caso do Lumiar, a excepção pode servir para confirmar a regra: os *leões* continuam a ser adversários muito perigosos para a gente do Atlético. Metem respeito. O grupo *atlético*, apesar de lutar com o empenho de sempre, aceita de certo modo o fatalismo. No passado domingo, por exemplo, o Atlético mostrou organização, soube lutar e lutou com ânimo e vigor, mas tivemos a impressão (nem sabemos porquê!) de que não poderia vencer...

Quanto a nós, o Sporting jogou bem. A experiência da linha da frente diz-nos que se procura a boa orientação. Armando Ferreira ficou de fora, em regime de cura, entrando para o lugar António Marques. Foi o avançado-centro que nos deu, no entanto, a grande surpresa, jogando como mandam os

A chuva e o estado em que se encontrava o campo da Amoreira, um lamaçal, segundo nos disseram, não deixou que o jógo Estoril-Benfica se efectuasse, ficando transferido para hoje. Mas a jornada, mesmo assim, interessou vivamente. O Atlético-Sporting atraiu à Tapadinha assistência numerosa. Pois, apesar da chuva ter caído com abundância, o terreno encontrava-se absolutamente praticável. O mesmo nas Salésias, na pugna Belenenses-Cuf. Embora em piores condições. Eis mais uma das vantagens dos campos de relva. Nem assim, com estes exemplos, aqueles que não têm campos de relva se resolvem à beneficência.

A classificação geral ainda suscita vivíssima curiosidade. Se o primeiro lugar está assegurado, tudo indica que o Atlético e o Sporting estejam apurados para o Campeonato Nacional. Mesmo o Benfica. Todavia, deve ter-se em conta que o desfecho da Amoreira, no Estoril, poderá exercer influência decisiva quanto ao quarto posto. O Benfica deve acabar por levar a melhor, mas joga ainda partida difícil. Em resumo, resolvido o problema da 4.ª classificação, o torneio lisboeta ficará ressequido. Tem já o cheiro das coisas velhas e usadas. Vem aí, porém, o Campeonato Nacional, com sua vida pujante.

cânones. A sua preocupação de não se deixar marcar, ou, pelo menos, de atenuar e diluir os efeitos dessa marcação, foi por demais evidente para não nos termos o facto com apuramento. Desmarcando-se, caindo ora para a direita, especialmente, ora para a esquerda, e trocando o lugar com os interiores, Fernando Peyroleo fez um esforço sério para melhorar o seu jógo, valorizando a sua acção. Os avançados sportinguistas mostraram-se sempre muito activos e perigosos em frente das rédes. Tudo bem, por consequência.

O nome, a fama e a classe dos jogadores também influem poderosamente em uma partida, no seu desenvolvimento e resultado. É o caso de Azevedo, o guarda-rédes nacional! Os avançados contrários, só com a sua presença, vêem diminuídas as suas facultades, fa-

lhando a todo o momento e desperdiçando oportunidades.

Certamente, no passado domingo, além de deficiência de remate, o Atlético ainda foi prejudicado pelo arbitragem. A anulação do *goal* de empate, o 2.º do Atlético, cortou todos os vãos do simpático clube. A irregularidade do lance, segundo o pensamento do árbitro, e não vemos outro furo!, deve ser o de deslocação doutro jogador, que não o marcador da bola. A verdade, porém, é que a jogada se desenvolveu com tão grande rapidez que não havia possibilidade de *ofsíde*. E tal decisão influíu no jógo. Aqui é que está o grande mal.

No primeira parte, o Atlético chegou a dar a sensação do que seria um fácil vencido. O segundo tempo, pelo contrário, veio mostrar-nos um Atlético valoroso, decidido, sabendo jogar e conjugar as forças. Num repente, o clube da Tapadinha modificou o panorama. Parecia outro. Se isto, por um lado, significa que o *team* tem preparação física e fôlego para a hora e meia, também quer dizer que o seu apuramento técnico pode igualar o dos melhores concorrentes, mesmo que se chamem Sporting. Por infelicidade alancasterense, o guarda-rédes Correia, tão seguro de outras vezes, portou-se francamente abaixo de toda a crítica — médio ao formidável remate de Peyroleo? — acumulando erros sobre erros. Dos quatro marcados pelos *leões*, alguns deles devem pesar exclusivamente sobre as costas do *keeper*.

Os grupos alinharam, sob a arbitragem de Andrade Pinto. Atlético: Correia, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Morais, Miguel, Marques, Gregório, Rogério e Rosado.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Juvenal, Barrosa, Lourenço, Jesus, António Marques, Peyroleo, Cordeiro e Albano.

Belenenses insistiu, conseguindo enfim dominar!

Sucedem isto algumas vezes. Os grupos empenham-se brava e energeticamente na luta, e o que é inferior iguala-se ao melhor. Mais. Semelhantes tentativas surtem efeito, quantas vezes! quando o adversário não está consciente do seu mérito, como na verdade se encontra

o Belenenses. Que moral, que certeza!

Para vencer, os *azuis* empregaram a tática de insistir e forçar o ritmo do encontro. Do princípio ao fim. Jogaram sempre da mesma forma, com vontade, ainda na altura em que não ganhavam e depois a ganhar, que é o processo, aliás, de conseguir resultados volumosos. A Cuf, em certo momento da segunda parte, sentiu-se balida. Porque os jogadores já não podiam suportar a velocidade da partida, e então apereceu em plena luz a sua inferioridade técnica. Portanto, o encontro ofereceu dois aspectos: um primeiro tempo de relativo equilíbrio, sem bolas; uma segunda parte de domínio belenense, com muitos *goals*. De relativo equilíbrio, digamos, acerca da primeira parte, porque, em boa verdade, o Belenenses ainda nessa emergência se mostrou superior.

Quando a máquina belenense começou a funcionar, pôde ver-se a beleza das mais vistosas combinações, o auxílio que uns jogadores prestam aos outros, no fundo, a forma técnica do conjunto. Nem pelo facto de Eduardo Santos estar em boa tarde, influindo no trabalho global da equipa, tal tiro mérito ao onze belenense, hoje por hoje o melhor de todos.

De resto, uma das razões que justificam o magnífico entendimento do quadro belenense parece-nos ser a subida da linha média. Amaro joga com a inteligência de sempre. Voltou à vida, e conseguiu a devida altura. Gomes também acusa, nitidamente, progressos. Serafim cumpre muito bem a sua tarefa. Portanto, linha média que, reforçando a defesa, permite também o encandeamto e rendilhado da linha da frente.

Resta acrescentar que a arbitragem de José Serendezes, referee da boa escola, mereceu nota de distinção, o que no aprez registrar.

O Belenenses alinhou com Cepela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, José Pedro e Rafael. Saudemos o regresso de José de Pedro.

A Cuf, com Eduardo Santos, Gomes, Armindo, Curiñhal, Félix, Gastão, A. Carneiro, Travessos, Arnaldo, Vicente e Tanganho.

DESPORTIVO «A ILUMINANTE»

No Estádio do Lumiar, gentilmente cedido pela direcção do Sporting Clube de Portugal, realiza o Desportivo, no dia 1 de Dezembro (feriado), um torneio de atletismo destinado a sócios e simpatizantes.

O torneio, que começa às 9 horas, compreenderá as seguintes provas: 80, 250 e 700 metros, altura, peso e disco. Haverá medalhas para os 3 primeiros classificados de cada prova. A inscrição, que é grátis, encontra-se aberta em «A Iluminante», Avenida Almirante Reis, 6, encerrando-se no próprio dia da realização do torneio.

Ano III — II Série — N.º 155
Lisboa, 21 de Novembro de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Proprietária: SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. Pádua João, Associação, 14, 3.º — Telef. 5 146 — LISBOA
Excepção gráfica de NEGROAVURA, LIMITADA — LISBOA

A popularidade do jogo é cada vez maior, digam o que disserem. Ainda há dias, em uma festa do Norte, Santo Amaro, do concelho de Estarreja, ouvimos falar de futebol e a pessoas que estavam longe de pensar que se pudessem interessar pelo association.

Uma simpática vendedeira de loiaça, simpática e instruída, ostentava no vestido um distintivo belenense. Confessou-se-nos belenense dos quatro costados, e não deixou de nos contar a história do distintivo.

— Fôra uma oferta de Capela, o guarda-rêdes do Belenenses!

Capela goza em todo o distrito de Aveiro, especialmente em Ovar e terras ao redor, de grande popularidade. Esta boa gente segue carinhosamente a sua carreira desportiva, alegrando-se com os seus êxitos!

Tivemos oportunidade de visitar na semana finda o campo que o Clube Desportivo de Estarreja está a construir. Situado em um sítio aprazível, de horizonte rasgado, com boas medidas, é uma obra que honra a vila de Estarreja, e na qual estão interessados todos os estarrejenses independentemente da sua vocação desportiva.

Por despacho do sr. sub-secretário de Estado das Obras Públicas, eng. José Frederico Ulrich, o campo Açores foi cedido à Associação de Futebol dos Açores até fins de 1947, sem quaisquer encargos.

Portanto, o grande problema futebolístico micaelense ficou resolvido. É certo que o campo não tem acomodações que satisficam o público. Mas enquanto não aparece melhor, não há dúvida que a sua cedência representa um grande arranjo.

O Micaelense Futebol Clube organizou uma excursão, devendo efectuar na Horta dois encontros, respectivamente, contra o Faial Sport Clube e o Angústias Atlético Clube. Poderá ainda jogar na ilha Terceira contra o Lusitânia, desde que as negociações com a Associação de Angra cheguem a bem termo. Há ainda um desafio em perspectiva contra um grupo da R. A. F.

Seria a altura esta época, pensamos, de trazer a Lisboa na Taça de Portugal o campeão da Madeira e dos Açores. Para isso, a questão devia ser tratada e decidida com tempo, de forma a não haver depois dificuldade de transporte, o grande óbice da deslocação e também o grande óbice apontado pela Organização para não satisfazer uma aspiração inteiramente justa e legítima. Funchal, terra de bons jogadores, tem de aparecer forçosamente no Continente, em um Campeonato, uma vez por época.

No Mundo da

BOLA

pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

A adaptação do jogador em um grupo é hoje mais fácil do que ontem

BATE-SE muito, em certos sectores, a tecla da falta de jogadores. Em tempos, também nos fizemos eco desse rebale, que, provido, deveria absorver a atenção dos responsáveis da organização, tirando-os algum tempo à política meramente pessoal e desviando-os para o interesse fundamental do jogo. Não há dúvida, porém, que os campeonatos da Mocidade Portuguesa, na esteira dos antigos campeonatos escolares, os torneios de juniores, e mesmo os populares e os corporativos, modificaram sensivelmente o panorama respeitante aos jogadores.

O caso sucedido nos últimos dias é na verdade sugestivo. Três clubes lisboetas, dos de melhor categoria, meteram nas suas linhas, sem qualquer adaptação ou estágio nas categorias inferiores, jogadores vindos de fora. Qualquer deles, segundo nos asseguraram, e assim dizemos porque não tivemos ainda o prazer de ver em acção tanto o reforço do Benfica como o do Atlético, tem qualidades. São homens e valores a aproveitar.

A experiência, no Benfica, parece ter agradado. No Atlético, há substituição para Gregório, quando necessário. O Sporting pode contar com mais um elemento de classe. Enfim, os estreantes não passaram despercebidos. E virgando uma camisola clubista pela primeira vez

obrigaram o público a der por eles. *Cá estamos, e não têm outro remédio senão contar connosco!*

Quere dizer, três estrelas e o mesmo é que afirmar outras tantas aquisições velozas para as fileiras clubistas. Lembra-nos que, em épocas passadas, os jogadores *batiam* primeiro nas categorias inferiores e só mais tarde subiam aos grupos de honra. Quando tal não sucedia, e se dava o que se deu agora, a regra geral era o do não-aproveitamento. Pensamos ainda hoje que o processo antigo não era mau. Mas não há dúvida que as últimas estrelas no Campeonato de Lisboa, verdadeiros actos de audácia, resultaram e delas se poderá concluir alguma coisa de interessante quanto ao futebol português.

Sem dúvida, estuda-se hoje o jogo como nunca, e feita uma intensa divulgação da técnica e táctica, tem influído no futebol. Criámos um tipo de jogo. Criámos ou acelámos. Temos uma escola.

Porque todos os treinadores aderiram ao processo, e não vamos agora tratar se tal reflecte a sua capacidade, e porque a escola tem sido minuciosamente apreçada, qualquer jogador, vindo da provincia, poderá naturalmente adaptar-se hoje com mais facilidade do que ontem ao jogo de conjunto dos bons grupos de Lisboa. A prova está feita.

CORRE QUE...

Júlio, o avançado-centro do Benfica, ao que consta, ofereceu-se a determinado clube; por sinal, um clube que não é da Divisão de Honra da A. F. L.!

Angelo Teixeira, o novo extremo-direito da Associação Académica, vindo há pouco tempo dos Açores, é considerado já como excelente jogador.

O sr. Armando Sampaio será um dos nomes apresentados no elenco do Conselho Técnico da Federação. Trata-se de um antigo jogador, dirigente apurado e jornalista bem curioso. Eis um nome que dará honra ao lugar.

O União de Coimbra protestou o resultado do encontro disputado na Figueira da Foz. Devemos esclarecer melhor: o clube não protestou — fez apenas uma exposição sobre o assunto.

Ao que parece, para aumentarem as bancadas, os organizadores cortaram um metro na largura do campo. Por que processo? — De um só lado, de forma que as balizas não ficaram centradas.

Não sabemos como se descobriu o facto. Mas o Conselho Técnico da Associação de Futebol de Coimbra, pelos vistos, conseguiu apurar a mutilação do referido campo da Figueira da Foz. Como é natural, o assunto constitui o motivo de tôdas as conversas na cidade de Coimbra.

O desafio do União na Figueira da Foz rendeu uma verba fabulosa, qualquer coisa parecida com catorze contos.

A confirmar-se a entrada de dois clubes de Coimbra e de dois clubes de Setúbal, em detrimento e prejuizo de Associações ainda não representadas, o facto completará a vida futebolística do país.

Há resposta para tudo...

P. 223 — Por que razão, sendo César Ferreira superior a Cerqueira, não alinha frequentemente na 1.ª categoria? (De um benfiquista veraneando em Sintra).

R. 223 — César Ferreira está definitivamente colocado, ao que parece, na primeira categoria.

P. 224 — Será Palha o melhor médio-esquerdo dos Juniores?

P. 225 — Qual o melhor médio-centro português, actualmente?

P. 226 — Qual o clube que, sob todos os pontos de vista, tem melhor linha avançada? (De um Doente da Bola, de Sintra).

R. 224 — Também gostáramos de saber...

R. 225 — Todos são piores. Ainda que uns mais do que outros.

R. 226 — Sob todos os pontos de vista... Contente-se em saber que Sporting e Belenenses são os que têm melhores ataques.

P. 227 — Sempre haverá o anunciado encontro de futebol contra a R. A. F. no dia 2 de Dezembro? Gostava de ver jogar os ingleses. (De A. S., de S. João da Madeira).

R. 227 — A realização do desafio está comprometida. Julgamos que tudo se arranjará e que o desafio tenha efectivação. Mas não no próximo dia 2 de Dezembro. Se V. gostava de ver jogar os ingleses — que diremos nós?

ANEDOTA

Ao menos, o lugar de continuo

Na reunião efectuada na Associação de Futebol de Lisboa foi resolvido dar representação a lódas as Associações nos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Futebol. Fórmula vaga — mas uma tentativa de divisão do bôlo, com pedaços menores para a maioria e as grandes talhadas para uma minoria, visto os lugares serem poucos e muitas as aspirações.

Todavia, falando-se em lódas as Associações, nunca os elaboradores da lista se referiram à de Aveiro, está bem de ver porquê... De sorte que, em certa altura, o delegado de Aveiro aventou:

— Ao menos, reservem um lugar de continuo para Aveiro!



Luiz Margaride, José Mousinho, Manuel Latino (chefe da equipa), Borges de Almeida e Helder Martins, 3.^{os} classificados na VIII Olimpíada (Paris-1924)

PROVAS HÍPICAS de PREPARAÇÃO OLÍMPICA O GENERAL LATINO e o MAJOR I. FERRAZ Expõem os projectos da FEDERAÇÃO EQUESTRE

AS curiosas declarações feitas à «Stadium» pelo dr. José Pontes acêrca da representação de Portugal nos próximos Jogos Olímpicos, em várias modalidades desportivas, levaram-nos a procurar saber o que pensavam a este respeito duas figuras de grande prestígio do hiplismo nacional, isto atendendo a que se trata de uma modalidade quasi de representação assegurada e daquelas onde alcançamos nas anteriores olimpíadas os mais ilustres êxitos.

A cavalaria portuguesa conseguiu por méritos próprios um lugar de extraordinário relevo no conceito mundial e agora mais do que nunca a nossa representação valorizará as provas hípicas dos Jogos Olímpicos onde já não surgimos como desconhecidos, mas sim como valorosos e difíceis adversários.

Fomos deabalada à Sociedade Hípica Portuguesa para trocarmos impressões com o general Manuel Latino, ilustre presidente da Federação Equestre, e com o major Ivens Ferraz, delegado do Ministério da Guerra junto dos Concursos Hípicos Internacionais e seleccionador das representações militares portuguesas. Ninguém melhor do que êles poderiam dar aos nossos leitores alguns informes sobre aquilo que se tenciona fazer desde já, como medidas pré-olímpicas.

A sua muita amabilidade ficamos devendo esta entrevista dupla. Apresentá-los para quê?

Manuel Latino e Ivens Ferraz estão já apresentados pelo muito que têm feito em Portugal.

Foi o presidente da Federação que respondeu à nossa primeira pergunta.

— A Federação Equestre, convicta da responsabilidade que acarreta uma representação nacional nos próximos Jogos Olímpicos, envidará os seus melhores esforços no sentido de que ela se faça sem precipitações e à base de uma cuidadosa preparação. Assim, tencionamos levar a efeito em 1946, antes talvez do Concurso de Lisboa, uma série de provas de obstáculos, denominadas pré-olímpicas, que serão feitas com a colaboração da Sociedade Hípica e que terão duas finalidades — servirão para se conhecer bem a forma em que se encontram cavalos e cavaleiros e para agitar no público o interesse por tão difícil representação.

— Diga-nos, sr. General, a equipa olímpica será civil-militar como a de 1924 ou só militar como as de 1928 e 1936?

— E' cedo para podermos afirmar. Depende da forma em que se possam apresentar os civis. Neste momento não poderíamos contar com êles, mas os Jogos são em 1948...

— Nas provas a realizar tomarão parte apenas cavaleiros seleccionados, ou são as mesmas destinadas também a todos os outros? — interrompemos.

O general Latino sorri, medita um pouco e responde-nos:

— À elas concorrerão principalmente os que tenham probabi-



A equipa classificada em 4.^o lugar na IX Olimpíada (Amesterdão-1926). 1.^o plano: José Mousinho, Manuel Latino e Ivens Ferraz. 2.^o plano: Helder Martins e Frois de Almeida

lidades de ir aos «Jogos», embora possam prestar provas todos os outros. Poderá aparecer às vezes uma revelação... A Federação conta desde já com a valiosíssima colaboração do Ministério da Guerra que, se apolar como espero a nossa idéia, nos tornará possível concorrermos pela primeira vez a tódas as modalidades — «Ensinho» «Campeonato de Cavalos de Sela» e «Obstáculos».

Cabe a vez ao major Ivens Ferraz de nos elucidar:

— Logo que haja conhecimento oficial da realização dos Jogos Olímpicos estou convencido que o Ministério da Guerra tomará o maior interesse pela representação dos seus oficiais em tão difíceis provas, sendo mesmo de esperar que essa representação se alargue às três diferentes modalidades.

— E se digo isto é por ter conhecido a boa vontade atestada pela compra de várias dezenas de cavalos, por altos preços, para o hiplismo português.

Proseguindo no seu ponto de vista o major Ivens Ferraz, um dos nossos cavaleiros olímpicos diz-nos:

— O Ministério da Guerra nos últimos anos não tem olhado a

Antas Teixeira

(Continua na página 10)

Marquês do Funchal, Mens e Silva e José Beltrão, 3.^{os} classificados na XI Olimpíada (Berlim-1936)





Os srs. H. W. Jennings e Geo. M. Tait, directores do Centro Britânico dos Serviços de Imprensa, no Pôrto

«O Sr. Jennings e Cobb, são golfistas de nomeada e o Sr. Tait um caçador exímio e grande nadador. Como vê estamos em ótima companhia...»

«A propósito das qualidades desportivas dos britânicos ocorrem-me uns factos que acho interessantes relatar. Um deles é absolutamente típico e célebre nos annals do desporto. Houve dois corredores de fundo que um dia tiveram de entrar numa corrida de obstáculos. Chamemos-lhes «A» e «B» conforme vem indicados no panfleto «British Sports and Games». «A» tinha tôdas as probabilidades de ganhar a corrida mas a certa altura tropeçou, facultando com êsse incidente a vitória de «B». Mas êste não se aproveitou do precalço. Esperou que o camarada se erguesse com a certeza de que perdia, como perdeu, a corrida. Pouca gente procederá assim.

«A mim a quem a idade veda o exercicio dos desportos também me aconteceu o seguinte. Em 1920 desempenhei interinamente as funções de Curador dos Indígenas Portuguezes na Rhodésia e de Consul de Portugal naquela colônia britânica. Por ocasião dos desportos annuaes tive de entrar nêles, na competição de ténis. Com um dos meus subordinados da Curadoria coube o bater-me com os dois irmãos Brooks ao tempo os campeões de ténis da Africa do Sul. Tinhamos uma derrota formidável em perspectiva. Contávamos com ela, de resto, mas não desistimos. A assistência pejava o campo de jogos, illuminado como só nos trópicos

A actividade do Grupo Desportivo do CENTRO BRITANICO DO PORTO Contada pelo sr. BARÃO DE VILALVA

SEM publicidades espalhafatasas, num silencio de sincera modestia, o Centro Britânico dos Serviços de Imprensa, no Pôrto, tem estado a desenvolver acção de proveito incontestável em favor do popular futebol.

Após a criação daquêlê «Centro» — que a guerra veio impôr e durante a qual os seus serviços marcaram posição de relêvo e de perfeição em todos os pormenores, como só os inglézes lhe saberiam imprimir — surgiu a idéa de dotar aquêla repartição de um Grupo Desportivo, capaz de bem se exhibir — dentro do sagrado espirito da Causa — pelas terras do Norte do país. E é claro que tal idéa não espantou, sabendo-se, como todos nós sabemos, que os inglézes são, no mundo, os grandes mestres do desporto.

Em todos os actos da sua vida, os britânicos sabem ser desportistas, honrando os seus sagrados compromissos para merecerem igual attenção.

Portanto, muito logicamente, os directores do «Centro» — Sr. H. W. Jennings, Geo. M. Tait e R. M. Cobb — encararam desde logo com entusiasmo e muita simpatia a criação de um Grupo Desportivo, o qual ficou a ser orientado pelo sr. José de Magalhães e Menezes (Barão de Vilalva) — figura illustre de portuguezes, de descendência nobre e fidalga.

O sr. Barão de Vilalva, era filho do falecido general Fernando de Magalhães e Menezes, que na história da colonização portuguezesa occupa lugar de relêvo, mercê da sua heróica e gloriosa actividade como governador geral de Moçambique, provincia onde ainda hoje o seu nome é recordado com saude.

O sr. Barão de Vilalva, director do Centro Britânico dos Serviços de Imprensa, no Pôrto, vai-nos falar:

— Quando se organizou o Grupo? Quantos jogos já effectuou?
— O Grupo Desportivo do Centro Britânico dos Serviços de Imprensa organizou-se em Junho de 1942 e de então para cá já tomou parte em vários desafios com grupos Corporativos da nossa terra e com tripulações de navios britânicos. Ao todo bateu-se 23 vezes com o resultado de 6 vitórias, 14 derrotas e 6 empates, o que para um grupo de recente formação não é muito desfavorável.

Entre os desafios avultam pelo seu significado os que tivemos com os marinheiros britânicos, Clube Desportivo Feirense — uma selecção de jogadores de classe — e com a velha guarda dos Galitos e Beira-Mar de Aveiro, em cujo elenco figurava o conhecido César de Matos, dos Belenenses.

— Os directores do «Centro» têm acarinhado o Grupo Desportivo?

— Como calcula, os directores do Centro Britânico Sr. H. W. Jennings, Geo. M. Tait e R. M. Cobb grandes aficionados também do desporto tem auxiliado sempre o nosso grupo, não só acompanhando aos desafios que animam com a sua presença, mas concorrendo generosamente para as despesas que as deslocações ocasionam.



O sr. R. M. Cobb, terceiro membro directivo do Centro



O sr. José de Magalhães de Menezes (Barão de Vilalva), Director do Grupo Desportivo

os encontramos. Pois os dois irmãos Brooks deixaram-nos ganhar a primeira partida para que recebessemos os aplausos da multidão, ganhando em seguida as duas outras. Para os dois campeões, ciosos do seu bom nome isto nos mostra o espirito desportivo e a gentileza da raça. O «fair play» é o seu código cavalheiresco. A máxima dêlê é o «may the best side win» collocando sempre o espirito desportivo acima do interesse que um determinado grupo possa ter.

Um outro facto ainda. Fiz o desporto com mediocridade e aquêlê que mais me entusiasmou foi o da caça aos grandes animais da selva africana. Um dia appareceram-me na circunscriçãõ que administrava dois inglézes recomendados pelas autoridades portuguezas — o capitão Victor Hermon do Dragoon e o Sr. Alec Brown, proprietário abastado. Seguimos um velho búfalo, animal solitário e matreiro; um autêntico guerreiro da sua espécie. Hermon ia à frente e logo atrás eu. De súbito o búfalo carregou. A espingarda de Hermon fálhou o tiro e tive a sorte de abater o animal à queima roupa. Mas Hermon não se moveu embora a morte fosse inevitável...

Eduardo Soares

O onze de futebol do Grupo Desportivo do Centro Britânico do Pôrto



BALANÇO DA ÉPOCA DE 1945

V — Os saltadores

Comentários pelo Dr. SALAZAR CARREIRA



ÁLVARO DIAS, o primeiro português que ultrapassou a marca dos 7 metros

PODEMOS reconhecer com propriedade que a época dos saltadores portugueses foi de considerável progresso pela confirmação de valores já provados, mas poucas revelações nos trouxe que possamos classificar com segurança de lutas primeiras ligadas.

O salto é hoje em dia uma especialidade de técnica difícil e nenhuma praticante conseguirá resultados lisonjeiros, classificações animadoras, se não quiser sajeitar-se a cuidada e demorada preparação. São rebeldes a ela a maioria dos nossos atletas e por isso escasseiam os concorrentes, estagnam os progressos e desanimam muitos que poderiam, com maiores devoção e persistência, alcançar classe interessante.

Sucedem, no entanto, com os saltadores uma circunstância favorável e que os devia animar: os progressos adquiridos, porque são em grande parte consequência de aperfeiçoamento técnico, conservam-se de época para época com mais segurança do que acontece aos seus colegas corredores. Isto é: um corredor, depois do período de repouso, começa o seu treino com possibilidades muito próximas às que

tinha já no início da temporada anterior, desaparecidos pela inação os progressos alcançados com trabalho intensivo de consecutivos meses na pista; mas um saltador vê, de ano para ano, aumentadas as suas faculdades iniciais, conservando uma parcela do que adquirira pelo treino da época precedente.

O pelotão dos saltadores em altura, pouco numeroso, conseguiu marcas superiores — no conjunto dos melhores — ao que até á data havia sido registado em qualquer ano anterior: um saltador transpôs 1,85 m., outro 1,80 m., três mais 1,75 m. e 5 outros 1,70 m.. Na sãmla, em valor absoluto, é escasso, mas, relativamente aos nossos resultados habituais, é, sem dúvida, bom.

Matos Fernandes foi o melhor porque é, na realidade, o melhor. Estatura favorável, magnífica impulsão, estilo ainda não perfeito mas muito aperfeiçoado quanto à coordenação e regularidade na execução das tentativas (quasi todos os saltadores portugueses incorrem no erro de modificar o estilo quando a barra sobe aos limites das suas possibilidades). Começou mal a época, em forma delicente, mas nos meses de Outono conseguiu excelentes resultados, transpondo duas vezes o metro e oitenta e uma vez um metro oitenta e cinco.

João Darães segue-se-lhe na colção da temporada; mereceu a internacionalização, à qual soube corresponder cuidando melhor da sua preparação e diligenciando corrigir um estilo paradoxal, que o prejudica mais do que favorece. A sua melhor virtude é a elasticidade e quando a servir, com mais decidida corrida preparatória e a necessária coordenação de movimentos dos braços e das pernas sobre a barra, melhorará bastante a sua marca óptima.

O junior benli-

quense Sousa Dias, Seródio Gomes e o portuense Elói Costa Pereira são os únicos «novos» com quem podemos contar; o terceiro, principalmente, tem excepcionais facilidades e poderá ser «um caso sério» quando aprender a saltar. Por enquanto vale apenas como uma letra a prazo cujo avalizador fosse o próprio endossante.

Outro novo em progresso regular é Monteiro Baptista, cujos resultados aumentam, de ano para ano, cinco centímetros; como é trabalhador e dedicado ao seu desporto, podemos esperar que continue. Até quanto?

A falange dos estreados foi fraca; os melhores, Octávio Costa e Jorge Veloso, não me parecem fisicamente dotados para a especialidade. De apreciar, contudo, o estilo que exibiram já.

Se é redazido o número de saltadores em altura, pode classificar-se de escasso o dos saltadores à vara.

Entre os consagrados contamos dois novos em carreira ascendente: Montalvão Fernandes e Santos Vieira, e um veterano persistente, Martins Vieira, que já passa o zénite da sua actividade desportiva.

A reforçar este trio, um único recruta esperançoso, o portuense David Severino, visto parecer que se não deve contar com Mário Lemos, absorvido pelos seus afazeres profissionais. Com tão limitado recrutamento não podemos esperar futuro animador.

O campeão nacional Montalvão Fernandes é um saltador mais possante do que habilidoso, capaz de ir além da marca «record» se modificar o imperfeito estilo que emprega, aplicando mais o gesto e menos a força. As condições indispensáveis para vencer são treino permanente e ginástica cuidada.

Santos Vieira merece idênticas considerações quanto a possibilidades, favorecido no aproveitamento por estilo mais satisfatório. Deve cuidar em especial do trabalho de braços.

Os concursos de salto em comprimento foram sempre os mais concorridos nesta categoria atlética, mas até nesses se notou este ano diminuição nos participantes e modesto valor dos que apareceram.

E necessário distinguir entre saltadores em comprimento (só

temos três em Portugal) e atletas que saltam longe aproveitando determinadas facilidades, nomeadamente a rapidez de corrida. Assim, não tem no presente valor de especialidade um salto de seis metros e meio, que qualquer corredor veloz conseguirá sem mais preparação do que acertar a chamada e afeição a impulsão.

De entre os participantes estreados na época só o braceirense Garção é susceptível de ganhar colção na especialidade; é rápido e enérgico, ignorando os radimentos da técnica e por isso mesmo competente para progredir. Tem um contro, o facto de ser jogador de futebol de primeira categoria, e todos sabemos o que isso significa.

Em plano imediato, com menores recursos, mas exemplar atleta — pela sua persistência, cuidado de preparação, estudo e entusiasmo — encontramos Mário Moniz Pereira, a quem faltam velocidade e poder físico para atingir marcas de primeiro plano; Homero Reis, este bem dotado pela natureza mas sem empenho na especialização, e Luís Alcide, que mais adiante apreciaremos na sua melhor especialidade.

Ficam os três saltadores verdadeiros: João Vieira, Edgar Tamegão e Alvaro Dias, estes dois, homens de classe autêntica e que, ambos, hão-de melhorar as suas marcas «records» da temporada finda.

Em Tamegão predominam o vigor e a energia, em Dias a elasticidade e a ligeireza. Qualquer deles incorre nos riscos de uma corrida preparatória mal regulada, pior Alvaro Dias, que me dá a impressão de não ter mecanizado a passada, que em cada tentativa muda de amplitude.

Resta-nos o triplo-salto: dois excelentes campeões, Luís Alcide e João Vieira, dois saltadores com recursos, Homero Reis e Seródio Gomes; outro muito habilidoso, Moniz Pereira, e uns tantos concorrentes de ocasião.

Não levo em conta nestes comentários a presença episódica

(Continua na página 10)



LUIZ ALCIDE, novo detentor do «record» ibérico do triplo salto

A Federação Sueca de Atletismo confirmou, em reunião magna celebrada há dias, o castigo proposto por alguns clubes contra determinados atletas, acusados de haver violado as regras fundamentais do amadorismo.

Entre outros nomes, mais ou menos conhecidos do público português, figuram os de dois «astros» de primeira grandeza: Gunder Hagg e Arne Anderson.

A história volta a repetir-se mais uma vez. A tentação irresistível do dinheiro, que os levou a amealhar um bom pecúlio durante as viagens aos Estados Unidos e pela Europa, foi superior ao sentimento puro do desportista imaculado e sem ambições monetárias.

Raros são aqueles que se mantêm íntegros e alheios às vantagens da pecúnia. Georges Applegarth, Jack Donaldson e Ruggie Walker, todos admiráveis sprinters do princípio do século, abraçaram o profissionalismo declarado depois de certo período de duvidoso desinteresse. Alfredo Shrubbs, corredor de fundo, seguiu-lhes as pisadas com Pietro Dorando, Saint-Ives, etc. Mais tarde o indiano-americano James Thorpe é desclassificado e o título olímpico que conquistara perde-o afrontosamente.

Os grandes «ases» do atletismo Charles Hoff, saltador à vara, Ladoumègue, Nurmi, o prelo Owens, e tantos outros menos capazes, rasgam a veste imaculada do amadorismo aterrorizados ou submetidos pelo «vil metal».

Não admira, pois, que tenha chegado a vez a Gunder Hagg e Arne Anderson, ganhadores de cento e oitenta contos anuais (ao que se diz...) pela prática das corridas no estrangeiro. O que admira e merece ser glorificada é a atitude dos disciplinados dirigentes dos clubes suecos a que perlençiam os extraordinários corredores, impondo a sua irradiação sem olhar ao prejuízo que tal medida possa trazer, enraquecendo a representação do seu país nos próximos concursos internacionais e olímpicos, mas prestigiando de modo notável a ética desportiva e o bom nome dos seus irrepreensíveis defensores.

RAFAEL BARRADAS

XADREZ

Uma derrota de Francisco Lúpi

O Dr. Rey Ardid, que, embora tenha estado retirado da actividade escaquística, é ainda hoje dos melhores jogadores do país vizinho, e, no dizer de Alekhine, o segundo em mérito, venceu o jogador português Francisco Lúpi por 5 jogos a 1, num desafio realizado há poucos dias.

Stadium

A vida desportiva por êsse Mundo fora

FUTEBOL

**Um desafio sensacional:
Chelsea e Dynamo em-
patam por 3-3**

PARA cima de 85.000 pessoas invadiram o estádio de futebol de Stamford Bridge, em Londres, a fim de assistirem ao desafio entre Chelsea, reforçado com Bacuzzi e Taylor, do Fulham, e o Dynamo Clube de Moscóvia.

O entusiasmo e interesse popular atingiram um grau comparável apenas à célebre final da Taça de Inglaterra, em 1923, realizada em Wembley. Calcula-se que cerca de dez mil espectadores tenham forçado as grades dos portões, assaltando pátios das residências vizinhas situadas na estrada de Fulham, e invadido o recinto. O cemitério local foi profanado e serviu de passagem a alguns milhares de fanáticos do jogo da bola. Houve centenas de pessoas feridas e treze tiveram de baixar aos hospitais gravemente atingidas.

Contratadores menos escrupulosos ofereciam bilhetes de dez xelins ao preço de 5 libras, isto nas barbas da polícia.

O aspecto do anfiteatro era magnífico, estando o próprio público junto das linhas de cabeceira e laterais.

A crítica teve os mais rasgados louvores aos visitantes soviéticos, proclamando que o seu futebol é da mais pura cepa e que só uma carência de engodo no remate os prejudica na materialização das vantagens técnicas e táticas.

O interior-direito, Vassili Kartsev, é comparado ao próprio Alex James na manobra de receber a bola voltado para o seu campo e

rodopiar sobre si mesmo, chutando a seguir para a ala esquerda, com tal presteza que o trio defensivo do Chelsea era tomado de pânico e desprevenido.

O Dynamo possui um domínio de bola perfeito e joga com a mais desconcertante velocidade.

No fim de meia hora o clube soviético desperdiçava 4 oportunidades assombrosas e perdia, no entanto, por 2-0.

Tanto os defesas como os médios participam no ataque, de modo que os médios-pontas reforçam a linha dianteira e dão aos defesas os seus lugares. Parece incrível a rapidez com que retomam a formação clássica ao passarem à defensiva.

Antes do intervalo, Soloviev desperdiçou uma grande penalidade. Na 2.ª parte, Kartsev disparou a bola a 10 metros e marcou o primeiro tento, seguindo-se o segundo quatro minutos depois. O público delirou e aplaudiu longamente.

A nove minutos do final, Lawton desfez o empate introduzindo a bola com um golpe de cabeça, parecendo que a vitória estava assegurada ao clube inglês. Quatro minutos mais tarde Bobrov, o gigantesco interior-esquerdo, embora nitidamente fora de jogo, enfiou a bola nas rédes de Woodley, fazendo o empate definitivo.

No final, só os russos que presenciaram o jogo saíram desapontados por não terem visto surgir a vitória dos seus compatriotas. A receita atingiu 7 mil libras.

AS «LIGAS» EM ESPANHA

O Sevilha em n.º 1

REALIZOU-SE mais uma jornada das Ligas em Espanha, no passado domingo. Na Primeira Divisão da Liga verificaram-se os seguintes resultados:

Oviedo 1-Barcelona 1; Espanhol 1-Madrid 1; Alcoyano 4-Gijon 1; Bilbao 7-Castellon 1; Aviccion 1-Sevilha 1; Valência 5-Celta 1; Múrcia 1-Hercules 1.

Seguem à frente da classificação geral o Sevilha, com 12 pontos, logo seguido pelo Bilbao e Oviedo, com 11; e pelo Madrid e Barcelona, com 10 pontos.

Na Segunda Divisão, eis os resultados: Cordova 2-Corunha 0, Ferrol 3-Xerez 2; Santander 2-Sabadell 2; Tarragona 3-Salamanca 0; Betis 2-Maiorca 3; Ceuta 2-Granada 3. O desafio Saragoça-Real Sociedad foi suspenso por causa da chuva. A cabeça está; Ferrol, com 13 pontos; Sabadell, com 11; e Tarragona, com 10 pontos.

BOXE

**Valdés venceu
a Pascual Garcia**

PASCUAL GARCIA, o catalão que se diz ser hoje o melhor peso-leve espanhol, jogou em Madrid contra Valdés, conhecido do público lisboeta. O combate foi magnífico, terminando com a vitória do segundo nomeado, mas o público protestou ruídosamente, achando que no fim dos oito assaltos Garcia tinha jus ao empate, pelo menos.

Uma vitória inesperada

UM vendedor de jornais quase desconhecido nos meios pugilísticos, Millich, pôs fora de combate ao 3.º assalto e com grande limpeza o cotado profissional Abel Cestac no Auditório Cívico de Sacramento. No momento da derrota a vantagem pertencia precisamente a Cestac, que foi colhido por um golpe curvo magistral, à ponta do maxilar.

**Cerdan e os títulos
de campeão**

MARCEL CERDAN, campeão da França e da Europa, que, segundo se diz, deve jogar em Lisboa contra Ferrer, combaterá a 30 do corrente para o título dos «médios», de que é detentor Dieuf.

Se ganhar, tentará apossar-se do campeonato europeu.

**Patterson conserva
o título**

O campeão mundial dos «minimos», Jackie Patterson, conseguiu uma rotunda vitória batendo por K-O ao 3.º assalto Sammy Reynolds. O que mais impressionou foi o poder de sôco de Patterson, inacreditável num pugilista de tão diminutas proporções físicas.

HIPISMO

A Taça Melburne

A mais importante corrida de cavalos australiana, a Taça Melburne, terminou pela vitória do cavalo *Reinbird* que partira com as apostas 1 contra 12 a seu favor. A meia milha da meta ia em 9.º lugar entre 25 participantes. Na recta final, o jockey W. Cook esporeou-o e num esforço soberbo passou à frente de todos, arrancando sobre o poste uma vitória difícil. Silver Link, que era o favorito, ficou em segundo lugar.

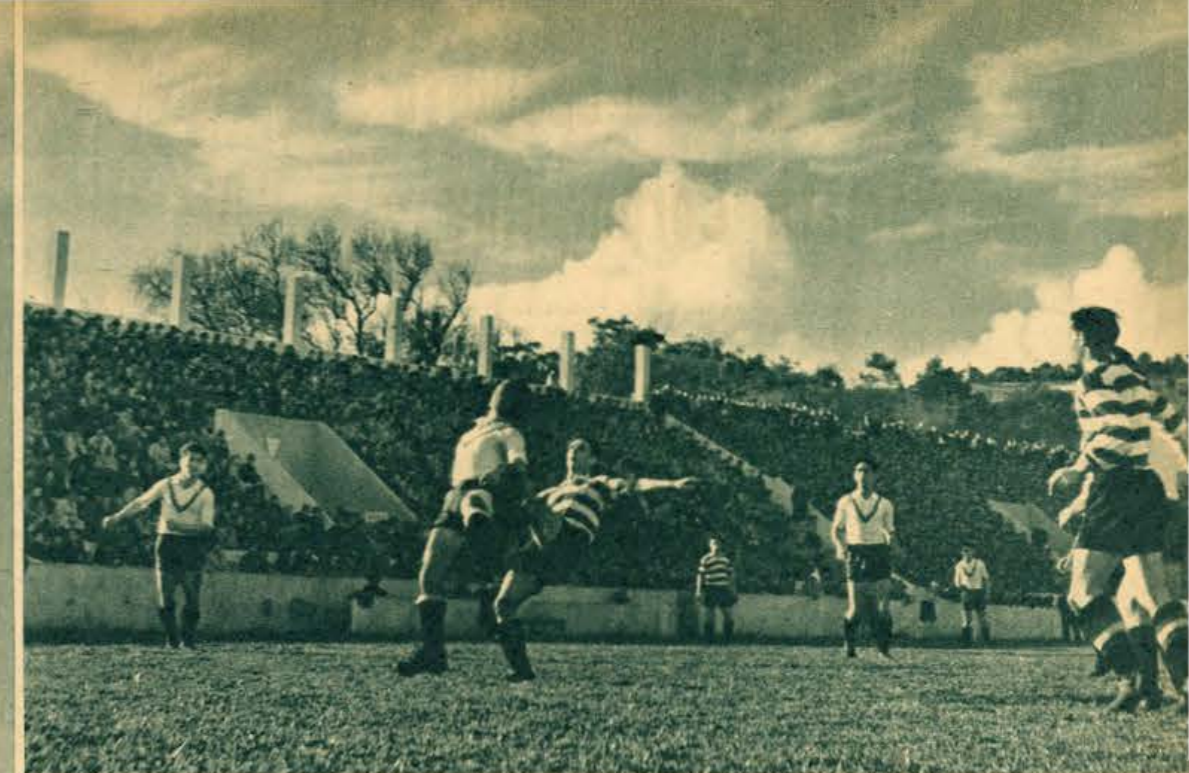


Acabou o desafio! Os jogadores vão abandonar o campo, uns contentes, outros alegres. Peyroteo, na última jogada, parece magoado. Pelo menos, queixa-se...

SPORTING venceu na TAPADINHA



Gregório já não poderá intervir com êxito! Cardoso defende de cabeça, tendo à sua volta vários auxiliares, como Manuel Marques e Juvenal, uma revelação. Os outros aguardam, como sempre!



Sempre que os avançados têm a bola nos pés, é certo e sabido que lhes aparecerá, entrando a marcha, um médio. É o caso desta imagem, vendo-se Lourenço, em posição esforçada, mas já batida por Micael. Atenção: deve ser Micael...



Mais uma vez, Azevedo defende. O guarda-redes nacional também gosta de fazer as célebres «zamoranas»!



Correia, protegido por Baptista, defende. Peyroteo, como geralmente acontece, ameaça. Os guarda-redes respeitam-no. Têm razão!



A jogada desenvolve-se nos moldes da boa técnica, defesas e médios sportinguistas travam luta animada com avançados «atléticos», entre os quais Gregório, o de melhor remate. O Interior Rogério, que se tem distinguido, vai apoderar-se da bola e dar seguimento ao jogo. Ao largo, António Marques aguarda o desfecho do lance!

O representante do desporto na Câmara Corporativa

Os saltadores na época de 1945

(Continua na página 6)

Os desportistas portugueses elegeram já o seu representante à Câmara Corporativa. Para isso reuniram-se com o sr. Governador Civil, comandante Nuno de Brion, 15 Federações desportivas nacionais, representadas pelos seus presidentes ou vice-presidentes.

Três nomes receberam a honra de escolha: Mário de Noronha, capitão Santos Romão e tenente-coronel Alexandre Correia Leal, presidentes, respectivamente, da Federação Portuguesa de Esgrima, Federação Portuguesa de Patinagem e Federação Portuguesa de Atletismo.

Depois de três escrutínios secretos, visto que nos dois primeiros se verificaram empates, foi votado, por maioria, o nome do sr. Mário de Noronha.

A escolha, entre três desportistas prestigiosos, era difícil. Apon-tado o sr. Mário de Noronha pela maioria, não há dúvida de que a escolha recaiu num desportista distinto, com provas dadas como praticante e como dirigente dos mais ilustres.

Mário de Noronha, actual vereador da Câmara Municipal de Lisboa, merece bem a honra conferida. Desportista correctíssimo, homem de bem, o futuro representante das Federações Nacionais na Câmara Corporativa desempenhar-se-á por certo da sua missão a contento dos mais exigentes. Assim pensaram, então por maioria absoluta, os representantes dos organismos dirigentes chamados a votar, e que eram: — dr. Bento Coelho da Rocha, pela Federação de Futebol; general Manuel Latino, pela Federação Equestre; coronel F. Real, pela Federação de Tiro; capitão de mar e guerra dr. Oliveira Duarte, pela Federação de Natação; Manuel

Mota, pela Federação de Ciclismo; Rodrigues Teles, pela Federação de Andebol; capitão tenente Frederico Cruz, pela Federação de Vela; João Santos, pela Federação de Remo; Manuel Almeida



MÁRIO DE NORONHA

Oliveira, pela Federação de Basquetebol; Joaquim Serra e Moura, pela Federação de Ténis; capitão Santos Romão, pela Federação de Patinagem; Armando Sá, pela Federação Portuguesa de Atletismo, etc.

Claro que, embora dividida a votação, coisa de somenos importância para a notícia — cabem a Mário de Noronha os cumprimentos da nossa revista. A ideia do desporto sobressai, elevou-se justificadamente. Não houve vencidos, retaliação — nada! Como bons desportistas, todos se mantiveram dignos, todos votaram bem.

O sr. Governador Civil o reconheceu. Parabéns, por isso, ao sr. Mário de Noronha.

dica de Guilherme Espirito Santo, que seria ainda — sobretudo no salto em altura — precioso reforço, porque a considero meramente episódica e, infelizmente, sem seqüência assegurada.

Luis Alcide apareceu no encontro com a Espanha em tão surpreendente forma que me-

lhorou de mais de meio metro o seu anterior máximo. Resultado de categoria e bastante elocuidativo sobre a sua classe. Estilo apreciável, óptimo terceiro salto.

João Vieira, que também atrapassou o seu «record», entrou tarde no progresso de recuperação — esteve dois anos sem poder praticar — e tem garantidos mais vinte centímetros de salto quando corrigir a péssima forma de cair, com as pernas encolhidas debaixo do corpo. Reparei também que, nas tentativas em que empenhou maior esforço, lhe falhou o impulso da perna de apoio para o último salto.

Homero e Seródio saltam apenas com a sua habilidade natural, que é muita; precisam de treinar com afinco, mas Seródio deve escolher entre esta modalidade e o salto em altura.

O «Grande Nacional» de Liverpool

ESTÁ marcado para 5 de abril de 1946 a famosa corrida de cavalos conhecida por «Grande Nacional» e que fôra suspensa devido à guerra. Disputar-se-á no Hipódromo de Aintree.

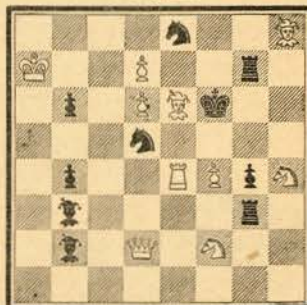
XADREZ

EXERCÍCIOS DE RECONSTRUÇÃO DE PROBLEMAS

Concurso de soluções

Findou no dia 17 o prazo para a entrega das soluções dos problemas I e II. O atraso da colaboração de participantes espanhóis força-nos a adiar para um dos próximos números a publicação da primeira tabela de pontuação.

PROBLEMA VI «Faquir»



Mate em dois lances

Prazo da resolução: 20/XII.

ERRATA — Como os nossos leitores decerto notaram e corrigiram, o último diagrama (Problema de «cantador») saiu gravado: o bispo g8 é branco e não preto. Como o erro foi involuntário e de clara verificação, rejeitaremos as notas de insolubilidade e aguardaremos os envios das soluções até ao dia 13 de dezembro.

A «Stadium» tomou a iniciativa de introduzir em Portugal uma nova modalidade em matéria problemística — novidade pelo menos nas nossas colunas escaquísticas, como supomos. Fazêmo-lo com o interesse e carinho que nos merece tudo o que fôr susceptível de valorizar a causa do Problema Português, tão estritamente ligada ao nosso empreendimento.

Tratando-se de uma modalidade pouco conhecida e difícil, achamos natural que esta nossa iniciativa vá esbarrar com possíveis obstáculos.

Esforçar-nos-emos por tornar essas dificuldades!

Os exercícios de «Reconstrução» talvez não sejam de molde a estarem ao alcance de qualquer. De facto, o bom praticante desta modalidade deve possuir muitas qualidades próprias do compositor e não poucas do solucionista. É o ponto que liga estas duas grandes facetas do «Problemismo», e aquêle que melhor pode contribuir para o progresso da técnica de ambas.

Óptimo treino para problemistas e magnífico recreio para a generalidade dos leitores xadrezistas, esperamos que o nosso novo concurso venha também a obter o mesmo êxito que está coroando as outras iniciativas da nossa revista.

(Continúa no próximo número)

VASCO SANTOS

HIPISMO

Pode formar-se uma boa equipa em Portugal

(Continuação da página 4)

despesas para que as nossas representações hípiques tenham o maior brilho nas provas internacionais em que se inscrevem.

— Não duvida, portanto, das nossas possibilidades? — perguntámos:

— Por forma nenhuma. Com os cavalos e cavaleiros que possuímos poderá formar-se uma equipa muitíssimo boa. Para a «Taça das Nações» (obstáculos) estamos equipados e é curioso entrarmos na prova de «Ensino», revelando os valores que possuímos, e no difícil «Campeonato do Cavallo de

Sela», para o qual teríamos de preparar, é claro, alguns dos irlandeses ultimamente adquiridos.

O general Latino e o major Ivens Ferraz falam-nos com entusiasmo dos Jogos Olímpicos, em que o hipismo português esteve representado, e nós ficamos com a convicção de que em 1948 as nossas tradições não só serão mantidas como até valorizadas.

A dupla entrevista estava finda. Continuá-la seria abusar da muita amabilidade que os dois entrevistados nos haviam concedido.

De resto, o leitor ficou já sabendo que dentro de poucos meses assistirá as provas pré-olímpicas, as quais poderão contar com o interesse do público.

A. T.

Assine a STADIUM

SEM nenhum apoio oficial, contrariado, até, por uns, e menosprezado por outros, e vivendo apenas da iniciativa particular ou da acção que os organismos dirigentes — entidades sem recursos e que singram porque à frente dos seus destinos estão pessoas duma perseverança sem limites — o ciclismo português, apesar de todas estas vicissitudes, teve na presente temporada de corrida, que terminou no passado dia 11, uma das suas mais brilhantes épocas, senão a mais brilhante dos últimos tempos.

Sem a Volta, a Portugal, que pelas suas características de prova de longa duração interessa a todo o país; com material caro e de difícil aquisição; sem estarem presentes nas corridas dois dos maiores e mais populares clubes de Lisboa e de Portugal, e sem encontrar senão aquele infimo de facilidades indispensáveis à sua actividade, — a velocipédia atingia em 1945, técnica, desportivamente e sob o ponto de vista de propagação, quer no país, querem Espanha, um nível talvez nunca atingido.

No que diz respeito a competição para «ases» — pedra de toque por onde se pode avaliar

CICLISMO

Uma época nacional e internacional que honra os nossos estradistas

o valor de conjunto de uma temporada — houve esta época 28 provas de estrada — quasi o triplo de 1944 — e perto de duas dezenas de importantes corridas de pista. Nestas provas tomaram parte, classificando-se, 52 corredores, os quais disputaram, no conjunto, quasi 30.000\$00 de prémios individuais.

Desportivamente, a par de algumas exhibições brilhantes de

tudo isto teve o condão de dar ao ciclismo português uma classe que ele talvez nunca atingisse!

Possuia também a temporada de 1945 elevado mérito no que diz respeito à propagação do desporto feita através do ciclismo. A velocipédia é — têmolo — dito várias vezes — modalidade que facilmente se compreende, pois a sua finalidade — ver quem chega primeiro — é assimilada rapidamente até por aqueles que não sabem da existência de uma actividade chamada desporto. Daí, serem numerosas as regiões que escolheram o ciclismo como elemento de propagação para seus festejos ou belezas naturais. Nada menos de 12 provas foram organizadas este ano pela primeira vez ou reeditadas após alguns anos de intervalo.

Foi assim a temporada de 1945 — que talvez sirva de ponto de partida para outras ainda de maior valia — de grande proveito para a velocipédia nacional.

Ao Sporting Clube de Portugal e ao Desportivo «A Iluminante» se deve, em grande parte, se não no todo, o brilhantismo do final da época. Foi a acção dos «leões», cedendo a sua pista, e do clube de Almirante Reis, agindo de maneira a tornar possível a iluminação da pista do Lumiar, que deu viabilidade à vinda dos corredores marroquinos, à organização dos festivais nocturnos, e do «Circuito de Oeste», essa magnífica corrida, fulcro e estímulo de tantas outras provas de estrada promovidas em 1945.

Sem a iniciativa daqueles dois clubes, a que Armando Rodrigues — o activo dirigente sportingista, deu andamento e com quem nós gostosamente traba-

lhámos; sem o apoio moral da Federação de Ciclismo e do estímulo do Lisgás e também sem a compreensão das pessoas que colaboraram com as já citadas colectividades — o ciclismo teria mais um ano de «vegetação», como em épocas anteriores.

Mas tudo parece ter mudado nestes últimos oito meses de actividade velocipedica, em que, como demonstraremos num futuro artigo, houve exhibições brilhantes de muitos corredores, provas de grande valor atlético e proezas de elevado mérito desportivo.

GIL MOREIRA

A VERDADE de hoje

EM plano de actualidade tra-va-se de momento, na imprensa desportiva nacional, accesa polémica em torno do plano elaborado pelo seleccionador nacional de futebol para preparação da respectiva equipa e, por ligação de idéias, associam-se ao tema principal os processos e critérios de outrora e de hoje.

O publico segue interessado a troca de argumentos; mas qual poderá ser, perguntam a si próprias as pessoas mais ponderadas, a vantagem prática de criticas subjectivas, que não visem elementos concretos do referido plano, antes dando a impressão de que as alimenta a surpresa de encontrar applicados ao presente método que o passado não conheceu nem permitia.

Os tempos mudaram e as condições de existência e orientação da actividade desportiva sofreram profunda alteração. Dispõe-se hoje de autoridade e recursos que permitem estabelecer normas e programas de acção a longo prazo que, anos atrás, seriam de pura fantasia.

Os dirigentes devem viver com a sua época; por isso ainda hoje aplaudimos e respeitamos precursores cuja obra, no entanto, enquadrada no conceito contemporâneo, seria lúda e errada e falsa. Na época própria, porém, foi uma realidade benéfica a verdade de então, que preparou e ensinou a verdade de hoje.

Querer amarrar a legitima necessidade da evolução e aperfeiçoamento dos processos técnicos à rotina ou às peias da tradição é negar a realidade de uma transformação directiva que começou nos órgãos superiores e termina nas minúsculas células desportivas.



JOAO REBÊLO

o ciclista que se portou com brilho em Espanha

elevado nível técnico, feitas no país — pormenor que será analisado noutro artigo — houve, no campo internacional, resultados de muita valia, que bem merecem ser tomados em conta por quem de direito a fim de que o ciclismo passe a ser considerado, tais como o são já o futebol, a natação, o hipismo, o ténis, o andebol e o atletismo.

As vitórias de João Rebêlo em duas tiradas da «Volta a Espanha» — vitórias que não foram consentidas como por vezes sucede em provas de etapas; o seu sexto lugar no final da corrida, e as classificações obtidas também por João Rebêlo na «Volta à Catalunha» e Campeonato de Barcelona — um sétimo e um segundo lugares — e ainda os resultados conseguidos por Aniceto Branco, Jorge Pereira e Mourão, aquêle na «Volta» ao país vizinho e estes na «Volta a Galiza» — resultados que são, sem dúvida, uma seqüência lógica e normal do que se pôde aprender e pela influência que exerceu no espirito dos corredores; as vitórias obtidas na nossa época por Lourenço, Lopes, Martins e Raposo,



JORGE PEREIRA

O estradista que maior número de provas disputou. Segundo classificado no conjunto de 18 dias as competições da época

ATLETISMO profissional

NA evolução do tempo os acontecimentos repetem-se e, no entanto, ante a fragilidade da memória dos homens, repete-se também a mesma sensação de surpresa e novidade. E repetem-se com tão flagrante similitude que nos ensinam quanto é inútil a lição dos factos e não o esforço para conservar a vigência de leis e doutrinas empíricas e sem a menor correspondência prática na realidade da vida.

Anunciaram agora as agências telegráficas que a Federação Sueca de Atletismo instaurou processo a alguns dos seus melhores filiados, entre os quais os celeberrimos Gunder Haegg e Suderson, por faltas contra os preceitos do amadorismo, cuja provável consequência será a irradiação. A notícia suscitou geraes comentários e levantou-se novo còro de reclamações contra o preceito rigoroso de um estatuto — o de amator — que já não é do nosso tempo, porque as condições sociais, o valor material do dinheiro, o ambiente das competições desportivas evoluíram enquanto o estatuto que- dou inulterado.

Fala-se em reformas; mas perguntamos a nós próprios o que sairá de tanta celeuma em favor do acordo entre a realidade e o idealismo teórico.

Porque, há treze anos, em 1932, idéntica agitação se espalhou pelo mundo desportivo quando os fenómenos de então, Nurmí e Laidoumégue, foram desclassificados por idénticas acusações, porque cobravam pela sua colaboração de atletas «globe-trotters» mais do que lhes consentia a severidade de uma lei que o olimpismo defende como reliquia incompatível com a verdade da vida.

CANTANHEDE

O SEU PROGRESSO DESPORTIVO

O Clube de Futebol «Os Marialvas», de Cantanhede, é um grupo de tradições, conquistadas à custa de muitos sacrifícios. Foi e continuará sendo o lídimo representante do desporto local. Através da vida desportiva — tem sofrido interrupções de ordem vária, principalmente na orgânica directiva.

Pela primeira vez que se inscreveu em pugnas oficiais, salu vencedor do campeonato promonário distrital de futebol na poca de 1939/40; depois disto, a sua actividade cessou. Porém, a illa, não ficou de todo privada da prática do futebol, o desporto mais querido dos seus habitantes, pelo aparecimento dum grupo formado por novos e dotados de boa vontade. — Atlético Desportivo Cantanhedense, que veio a impôr-se pelos bons resultados obtidos na sua região.

A construção do Estádio Municipal — cuja obra já se encontra feita, à excepção dos balneários, veio dar um novo incremento ao futebol cantanhedense, e — proporcionou o ressurgimento do grupo Marialvino, que de novo volta às lides oficiais, concorrendo ao campeonato da 2.ª Divisão da A. F. C., convicto em marcar boa presença, não obstante faltarem-lhe elementos de valor e alguns são: Pessoa, do Lusitânia, de Coimbra; Fernando, do Beira-Mar; Laurindo, do Penafidense; Licínio, do Ginásio Figueirense; José Gaspar, dos Azuis de Bustos, o Ligeu, a regressar ao Continente. Devois déstes reforços ao grupo tem ao título. merece. Negão.



À província alegre o desporto. O futebol, especialmente. De Norte a Sul, contam-se boas vontades, desejo nítido de vencer. E de fazer vencer. Apresentamos hoje alguns grupos e desportistas, esforçados uns e outros, dedicações que «Stadium» louva. Vejamo: por ordem: 1 — Escamarão F. C., excelente grupo que pretende passar da A. F. Vissu para a A. F. do Pôrto. Da esquerda, de pé: — Alberto Fontes e Artur Soares de Almeida, directores; Orlando, Alberto, Armando, (treinador), Mário, Vieira, Mil Homens e Artur (maçagista). De joelhos — Fontes, João, Arlindo, Almeirindo e António. 2) — Alentejo F. C., de Portalegre: — José Cardozo (cap.), Caldeira, Crescido, Fragooso, Sequeira e Margarido (treinador) — de joelhos: de pé — Nobre (maçagista), Esteves, Janal, Teodolindo, Redondo, Alberto e Carriça; 3) — Vitorino Ferreira Coelho e José Pinto Meireles, do União de Paredas, filial do F. C. do Pôrto. 5) — 1.º grupo do Clube Desportivo de Mafra: sentados: da esquerda — Teófilo, Caracol, Baptista, J. Tendeiro e Alberto. De pé — Mário, Pompeu, Camócho I, António, Camócho II e Júlio. 6) — A equipa de juniores do Sport Lisboa e Lagos. 7) A equipa do Clube «Os Marialvas», de Cantanhede.



A actriz IRENE IZIDRO é do BENFICA, e gosta de futebol e das corridas de toiros!

IRENE IZIDRO é, sem dúvida, dos mais refulgentes valores da moderna geração dentro do teatro português. Culta e inteligente, tem posto ao serviço da sua Arte incontestável talento, caminhando firmemente, de êxito em êxito, e colocando nos degraus da sua carreira artística, rapidamente galgados, uma galeria de figuras que atestam as suas extraordinárias faculdades.

Não há pequenos papeis para a Irene. E todos, quer êles sejam de grande responsabilidade dramática, quer se limitem a curtas rábulas de revista, a actriz revela o seu temperamento e o seu talento.

Fora da cena, Irene Izidro é também uma rapariga moderna. Tem pelo desporto uma predilecção especial. É vulgar vê-la a assistir a um bom desafio de futebol ou a uma corrida de cavalos, entusiasmada com os lances mais emotivos. Por isso, o público desportivo do país duplamente a conhece e duplamente a admira.

Julgamos curioso ouvi-la.

Irene Izidro começou por nos afirmar desassombadamente que aprecia muitíssimo um desafio de futebol, bem disputado e pleno de emoção.

— É um espectáculo que agrada e me emociona. Pena é que a minha vida profissional me obrigue a faltar a muitos, principalmente aos mais sensacionais. Mas as «matinés»...

— Então a Irene deverá distinguir com o seu aprêço alguns dos nossos jogadores! — atalhamos.

— Sim, sem dúvida. Os que mais aprecio são os do meu clube. Sabe, é que eu sou uma adepta fervorosa do Benfica!

Irene Izidro, talvez a procurar saber o efeito da sua confidência, olha para a «botonnière» do jornalista e inquire qual é o seu clube...

— O futebol é, então, o seu desporto preferido?

— Apesar da minha simpatia por esta emocionante modalidade desportiva os meus desportos mais dilectos são ainda a natação, o automobilismo e a equeitação. Tenho praticado qualquer dêles, embora sem carácter de competição. Adoro uma boa corrida de automóveis, que há tantos anos não temos em Portugal, e gosto muito de hipismo.

A Irene sorriu e afirma-nos:

— Devo ser a artista de teatro com maior paixão pelas corridas de toiros. Levo o meu entusiasmo ao ponto de, anualmente, me deslocar a Espanha. Que emoção encontro no trabalho dos «espadas» e como adoro o toureio a cavalo!

Irene Izidro fala-nos de Manolete e de Arruza, menciona um a um os nossos cavaleiros e lamenta não conhecer ainda Murteira Correia que alcançou grande nome, esta época, em Espanha. E ela sabe-o bem; o seu entusiasmo levou-a êste ano a Valência...

Voltamos ao desporto. Fala-se de ginástica, das suas extraordinárias vantagens, que muitos teimam em não reconhecer.

— No teatro ela é indispensável — diz-nos a nossa entrevistada.

— E não só no teatro ligeiro. Um artista teatral tem que saber respirar tanto num bailado difícil como numa cena violenta, de grande intensidade dramática.

A vincar bem a sua opinião, Irene diz-nos que voltou agora, depois de breve interrupção, aos seus exercícios matinais.

— Vou interpretar uma peça em que tenho que cantar. No canto a ginástica respiratória exerce extraordinária influência.

Estava feita a entrevista. Saímos. Enquanto descíamos a escada parecia-nos ouvir ainda a voz agradabilíssima da bela e talentosa artista, aquela mesma voz que lhe temos ouvido em cena aberta, sem outras cambiantes.

A Irene Izidro, estrêla de primeira grandeza do teatro português, vista na intimidade do seu lar, é a mesma rapariga dos nossos palcos, extraordinariamente simpática e encantadoramente loura. Um coração de ouro!



A grande actriz Irene Izidro, em umas das suas arrebatadoras criações!



Antas Teixeira

Irene, uma silhueta moderna, a camê do teatro

MOSAÍCOS

nortenhos...

ANTAS e VILARINHA são dois centros distantes um do outro; mas porque o F. C. do Pôrto os tem discutido com interesse, por causa do seu projectado campo de jogos — estão agora mais conhecidos do que nunca.

Todavia — nem se alo nem se desalo. Nesta altura, aparecem dificuldades e incompreensíveis atitudes. Tudo na mesma. Que estranho poder procura evitar que o F. C. do Pôrto consiga, definitivamente, um campo de jogos? A capital do Norte continua a constituir letra morta em matéria de realizações. Por isso, só acreditaremos no chamado «Estádio do F. C. P.» quando ele estiver erguido!... De «promessas» está o mundo cheio.

♦ O VASCO DA GAMA perdeu o seu primeiro jogo do campeonato regional de basquetebol, contra o F. C. do Pôrto. E por 15 pontos de diferença. A derrota é dura, e por esta diferença, ainda muito mais.

Os azues brancos, evidentemente, ainda não podem cantar vitória. Que possuem bom «team» — isso é inegável. O regresso do excelente defesa Rodrigues, a inclusão de Camilo, antigo jogador do Carnide, e o bom trabalho de alguns novos colocam-no à cabeça dos melhores. O Vasco ganhará o título, por certo. Mas — conte-se com o F. C. do Pôrto!...

♦ OS LUGARES para a Imprensa, nos campos de futebol ou de outra qualquer modalidade — nem sempre são ocupados pela «verdadeira» gente dos jornais. O Boavista, no seu campo do Bessa, teve a gentileza de servir os jornalistas com acomodações dignas. Muito obrigado por isso. No entanto (e a culpa não pertence ao clube), vêem-se sempre nesses lugares pessoas estranhas ao trabalho dos jornais. Seria possível evitar tal coisa?

♦ O FLUVIAL comemorou o seu aniversário. É digno das referências amigos que lhe tributam os jornais, e da amizade sincera de todos os desportistas portuenses.

Treta-se do mais velho clube portuense. Antigo campeão de remo, de basquete, de tiro e de natação, o Fluvial criou uma escola de bons dirigentes e de bons praticantes. Nos primeiros — e na actualidade — José Diogo, Alípio Dias e Cabral de Matos são dignos de referência; nos segundos, desde Custódia Pereira, António Cardoso e Moisés Cardoso aos praticantes mais novos — não tem faltado vibração e espírito de trabalho.

Saudemos, portanto, a gloriosa colectividade da beira rio. Os seus «cabelos brancos», principalmente.

O Pôrto tem trabalhado devotadamente pela expansão do desporto. Do futebol como de todas as outras modalidades. Os seus clubes e as suas Associações, e também os atletas que representam a capital do Norte, por brio, por disciplina e por amor à sua terra, lutam o melhor que podem e sabem. Todavia — o Pôrto nem sempre tem merecido a consideração de pessoas que bem lhe conhecem a virtude de se esforçar constantemente. E não se sabe bem porquê. Ainda agora se viu que o Pôrto, depois de aplaudido por diversos sectores — acabou por ver-lhe fugir alguns que mais entusiasticamente se mostraram. Paciência. O Pôrto cumprirá sempre com as suas obrigações desportivas. O Pôrto nem por isso se vai esquecer da missão que lhe cumpre. Lamentará atitudes — isso sim. — Alguém lhe fará justiça.

ANTAS ou VILARINHA?

Volta a discutir-se o Estádio do F. C. do Pôrto...

A notícia não pôde deixar de surpreender todos que dela tiveram conhecimento. Quando tudo parecia estar definitivamente arrumado no sentido de se principiar a construção do «Estádio do F. C. do Pôrto» nos terrenos escolhidos das Antas, surgiu, repentinamente, a informação de que, em face de entraves de natureza diversa, tal projecto terá de ser pôsto de parte. Encaminharam-se as vistas para o já adquirido terreno da Vilarinha...

Desconhecemos, totalmente, os «porquês» dessa resolução, que não deverá ter sido tomada de ânimo leve, tanto mais que ela obedece a uma intimação resultante de obstáculos postos à satisfação dos desejos da maioria da massa associativa do clube da Constituição.

Desconhecemos, igualmente, quais as razões que levaram o F. C. do Pôrto a pôr de parte a ideia já anunciada como resolvida, o que nos leva a perceber que dificuldades devem ter surgido por parte da Câmara Municipal, por motivos ainda não divulgados.

Mas a verdade é que, de bôca autorizada, sabemos que se encaminham trabalhos no sentido de aproveitar o campo da Vilarinha, pondo de lado, por

completo, o terreno das Antas. O F. C. do Pôrto — no dizer dessas informações — teria transigido com todas as exigências apresentadas, prontificando-se até a construir, à sua custa, os arruamentos que circundariam o terreno destinado ao Estádio das Antas.

E' verdade que tudo estava resolvido. Havia-se chegado a acordo com os senhores dos terrenos precisos para a edificação do Estádio. Tudo seguia pelo melhor caminho, quando apareceram as dificuldades insuperáveis.

Com êste facto devem rejubilarem aqueles que preconizavam o aproveitamento dos já adquiridos terrenos da Vilarinha, sobre os quais se levantaram discussões de todo o género.

Perdeu-se tempo. Ter-se-á de regressar à primeira forma, com todos os prejuizos causados pelo adiamento daquilo que é indispensável ao F. C. do Pôrto — um campo de jogos à altura do valor e da classe do clube campeão.

No entanto, seria muito curioso saber-se de que categoria foram êsses entraves postos ao F. C. do Pôrto, tanto mais que há uma afirmação do sr. presidente da Câmara, nam discurso proferido no banquete comemorativo do do aniversário do F. C. do Pôrto, pela qual aquêle principal magistrado cidadão prometia o melhor acolhimento à pretensão do F. C. do Pôrto, «desde que ella dependesse da municipalidade».

Por isso, mais uma razão para se conhecerem os motivos que levaram ao abandono do projecto de construção do «Estádio das Antas».

O que se passou? De que espécie, natureza e qualidade foram os obstáculos suscitados? No momento em que escrevemos esta nota, ainda nada transpirou...

ANTÓNIO NOGUEIRA CARDOSO (o popular «Pima») passa por ser o expoente máximo do basquetebol portuense. É certamente não deixa de ser assim. O Pôrto já apresentou grandes jogadores neste modalidade: António Soares, José Diogo, Lopes Martins, António Mota e Vergílio (todos «internacionais»). Mas Nogueira Cardoso, o verdadeiro escultor da equipa admirável do Sporting Clube de Vasco da Gama, a todos pôde impor-se.

Campeão do Norte — várias vezes. Campeão de Portugal — uma no basquete e duas no andebol. Caso interessante: embora rival do F. C. do Pôrto no basquete, como bom vascaíno, tem representado o clube azul branco no andebol, principalmente nas situações delicadas...

O popular «Pima» é modesto. Nasceu no bairro Herculano, humilde aglomerado de casas onde se criaram muitos desportistas. O Vasco da Gama nasceu ali. Nogueira Cardoso, como os seus irmãos mais novos (César, que pertence agora ao Sport, de Coimbra, é produto do Vasco e do bairro) dedicaram-se ao basquete, quasi por brincadeira. Mas venceram.

Hoje, «Pima» é popularíssimo na capital do Norte. Como em Lisboa, em Coimbra — pelo país além. Exponente máximo do basquetebol português? Não gostamos de exageros... E para quê? Interessa afirmar que António Nogueira Cardoso sabe do seu ofício, brilha constantemente — e está sujeito, como todos os atletas, a lardes boas e más. Confrontar — isso não.

Continua na primeira fila do seu clube, o simpático e valeroso Vasco da Gama. Nem outra coisa seria de esperar. Dirigido pelo nosso camarada Alves Teixeira, um bom nome do jornalismo desportivo portuense, Nogueira Cardoso promete-nos continuar. O público portuense continuará também a dar-lhe palmas. E ali o público de Lisboa, que lhe reconhece as boas qualidades de atleta, a sua boa disposição para o basquete, a sua inegável classe para a prática do desporto.

Nogueira Cardoso, o popular «Pima», tem o nome feito. Resta apenas que o não deixe perder, pelos tempos fora.

Ferraz triunfa!

Alfredo Ferraz é um dos melhores brilhantistas do Mundo. Está em plena forma. Ainda agora o demonstrou, batendo José Alabern, outro grande jogador, na final do campeonato de três tabelas. O excelente campeão português tomará brevemente parte no encontro Portugal-Espanha desta modalidade, podendo aguardar-se confiadamente a sua actuação.

As dificuldades de Tondela

Já o temos dito várias vezes — é preciso reformar certas regulamentações desastrosas. Agora nos dizem de Tondela que a despeito de boa receita no jogo Desportivo-Lisboa e Viseu — ao clube local calharam menos de 100\$00.

E tem sido sempre assim. Não se vê o propósito de ajudar colectividades modestas, que «fazem das tripas coração» para caminhar com segurança.

Um tondeleiro distinto dizia-nos, há dias, desolado:

— Teremos de desistir? Então não lhe parece que se justifica melhor distribuição de receitas, visto que os clubes modestos não podem suportar «todos os encargos» que lhes aplicam?

O panorama, pelo país fora, é igual. Tondela queixa-se, mas não está sôzinha. Não seria possível, por parte de quem de direito, um inquérito a casos desta natureza? Pretende-se, já se vê, corrigir defeitos. Não se diz aqui que tudo o mais não esteja certo...

Viano do Castelo e o seu clube

A cidade de Viano do Castelo fêz tudo para conseguir um bom «team». Não faltavam as adesões. Nem sinceros apiausos. Mas os grupos, mesmo os melhores, nem sempre triunfam. É preciso aguardar as oportunidades — e a oportunidade do simpático clube do dr. Alberto Gomes ainda não chegou.

Mas ainda não é tudo... O Vianense possui bom lote de jogadores, e com certeza se afirmará, mais hoje mais amanhã. Não lhe deve faltar o carinho do seu público, e nem o esforço dos seus dirigentes. O «resto», já sabe — virá com o tempo.

O Estrêla de Portalegre em foco

O Estrêla de Portalegre, que tanto se esforçou pela sua entrada no grupo dos clubes encarregados de disputar o campeonato distrital — não tem sido feliz. Não contou com jogadores habituais, alguns de valor, e por isso a série de maus resultados da sua equipa. O Desportivo, o único parceiro da cidade, tem sido mais feliz — mas não tanto como o Sport Lisboa e Elvas, campeão da época finda. Tudo nos indica a sua presença no torneio nacional.

A vida do Estrêla, a despeito da sua boa vontade, é que continua a ser difícil. Um «estrelista-leão», Carlos Canário, dá-nos a notícia com verdadeiro aborrecimento.

— Não faz ideia da preocupação dos estrelistas portalegrenses. Há quem trabalhe sem descanso,

quem procure, a todos os momentos, elevar o clube no conceito popular.

— Então — a que se deve tanta dificuldade?

— A tudo. Principalmente à influência de conhecidos intrusões no plano de acção dos mais dedicados dirigentes do Estrêla.

A derrota do União de Coimbra

fêz vibrar os estudantes...

OS efeitos da derrota do União de Coimbra... Por agora, em boa verdade, apenas são estes: — a passagem da Académica para o primeiro lugar, com tôdas as suas conseqüências. Os simpáticos unionistas, especialmente os que ficaram em Coimbra, confiados, levaram «justigadela» mestra quando a noticia do resultado chegou à cidade universitária. Então... foi o delírio!

Para os académicos, já sabe. As ruas centrais da baixa movimentaram-se desusadamente. A certa altura, tiveram de encerrar-se cafés, por falta de acomodações. A rapaziada académica, em cima das mesas — fazia discursos! Acenderam-se velas — «estoiraram» garrafas de «champagne». Ninguém pôde, durante horas, com a alegria dos estudantes.

— Agora, pensavam os mais afamados unionistas —, trabalho todo perdido, ou vamos ainda ao Nacional da 2.ª Divisão, que muito nos interessa?

Julga-se que o União ainda possa concorrer, com a Académica. Mas, para isso, seria necessário alterar quanto foi resolvido. Fácil? Difícil?

O público da Figueira da Foz

aplaudiu o árbitro Borges Leal

NO jogo Naval-União triunfou, pelo menos, um árbitro lisboeta. O sr. Borges Leal dirigiu a partida, que era difícil. Poderia surgir um «desastre» — como surgiu, para o União, e as responsabilidades, naturalmente, seriam atribuídas ao árbitro. Porém, o seu trabalho veio a merecer os louvores gerais. Vencidos e vencedores aplaudiram no fim do encontro o árbitro lisboeta, que regressou a Lisboa visivelmente satisfeito.

E êle que diz: — Isto ficará gravado na minha carreira de juiz de campo. Já no intervalo, notei simpatia pelo meu trabalho. No fim do encontro, fui aplaudido por todos os lados do campo, e fiquei contente.

— Sobre o jogo... — Superioridade manifesta do União. A Naval defendeu-se enérgicamente e ganhou. E à defesa também se triunfa — e bem.

PELA segunda vez, em nove jornadas, não foi possível cumprir integralmente o programa dos encontros do Campeonato da II Divisão da A. F. L.

O meu tempo impediu a execução do desafio S. L. Olivais-Fósforos, que se antevia animado, e, dêste modo, só se disputaram três partidas, com os seguintes resultados:

Casa Pia-Chelas, 3-2; Futebol Benfica-Marvilense 2-2, Sacavenense-Operário, 3-0.

A vitória do Casa Pia sobre os detentores do título e «leaders» do actual Campeonato constitui, sem dúvida, o resultado mais sensacional da jornada. Com efeito, ainda mesmo tendo em conta a subida dos casepienos e a circunstância de jogarem no «seu» terreno, não era de calcular que os chelenses, colocados à cabeça da classificação oito dias antes, se deixassem surpreender. Segundo as críticas, a vitória dos casepienos foi justa. A equipa valorizou a sua «baagem» com um atributo que até há três semanas lhe faltava: *confiança*. Neste facto está, quanto a nós, o principal motivo da brilhante recuperação do antigo clube do Restelo. A pouca sorte que perseguiu o «team» durante algumas semanas desapareceu. E, agora, a equipa vence e convence.

No desafio de domingo passado, o Casa Pia só na segunda parte pôde vincar e sua supremacia. Na primeira parte, embora logrando períodos de vantagem, os casepienos não conseguiram bater Cardoso por mais duma vez. E, em contrapartida, o seu «keeper» foi baliado por duas vezes. A característica principal da luta foi o entusiasmo com que os vinte e dois homens se empregaram.

Outro clube parece em período de recuperação: o Futebol Benfica. Contra uma equipa que se tem mostrado teimoso em não perder um dos lugares de vanguarda da classificação, os benfiquenses obtiveram um empate. Sem dúvida bom resultado, porque o grupo tem sofrido contrariedades de monta. E, se em vez dum empate, lhe ilvesse sorrído a vitória, o resultado não escandalizaria, com tanto empenho os benfiquenses jogaram ao ataque, depois do intervalo.

O encontro entre os «dois sem campo» proporcionou interessante vitória do Operário, indubitavelmente justa pelo mais que a equipa jogou, na segunda metade do desafio, em relação ao Sacavenense. Os avançados do «team» vencedor procuraram o «goal» com entusiasmo... e foram bem sucedidos.

DIAMANTINO DIAS

CAMPEONATOS REGIONAIS

O acto eleitoral, e também o ma tempo, impediram a realização de muitos jogos dos torneios regionais. No Porto, em Braga e em Aveiro, três campeonatos que este ano têm sido renhidos, pelo menos nos lugares secundários — houve adiamentos.

Coimbra não parou. A Associação Académica venceu por 4-2 o Lusitânia, e este resultado dá bem a ideia das dificuldades encontradas pelos estudantes — o que por certo se não contava.

Já os unionistas ganharam por 11-0 ao Sport, cuja sorte não é das melhores. Caso interessante: — os reservas dos azues venceram por idêntico resultado...

No jogo Anadia-Naval — uma surpresa: vitória dos anadienses por 2-0. Partidas do Iatebol. A Naval, há uma semana, anulou tôdas as aspirações do União...

Em Setúbal, os campeões não se livraram de um empate no Barreiro, sem «goals» de parte a parte. O Barreirense, a cujo bom esforço deve prestar-se homenagem, está a caminho de boa forma.

A equipa da «Caf» barreirense ganhou sem dificuldades ao Onze Unidos de Montijo, embora sem grande resultado: 3-1.

Em Trás-os-Montes, o Sport Clube de Vila Real conseguiu novo resultado expressivo: 6-0 contra o Mirandela, e no seu próprio campo. Tem sido interessante esta carreira do campeão transmontano. Obtendo vitórias sobre vitórias, algumas

volamos, o Sport Clube de Vila Real denuncia-nos um valor que por certo se afirmará no decorrer dos próximos torneios nacionais.

O Sporting da Covilhã ganhou já o seu campeonato. No domingo derrotou por 3-0 o S. L. e Castelo Branco — e o jogo não chegou a durar 45 minutos.

Outros campeonatos — o Desportivo de Tondela, a despeito de tôdas as suas dificuldades, foi a Viseu derrotar o Bodiosenses por 8-2. Bom resultado dos rapazes da margem do Dinha. Em Beja — o Atlético de Moura derrotou o Piense por 4-0 e o Despertar, mesmo no seu campo, perdeu por 6-1 com o União.

No distrito de Portalegre, o melhor «team» da cidade empatou 2-2 com o conhecido S. L. e Elvas, campeão distrital. O Estrêla perdeu mais uma vez, por 3-0, com o Sporting Elvense.

Por Leiria — o Império e o Comércio e Indústria empataram por 0-0; o Nazarenos derrotou o S. L. Marinha por 2-0 e o Alcobça venceu o Maceira por 3-0. No distrito de Santarém, deve anotar-se a boa vitória do Alcanenense sobre o Matrena (8-2). O Torres Novas ganhou em Tomar ao Sporting por 2-1 e o Ferroviários, no seu campo, teve dificuldades perante o União Tomarense. Ganhou apenas por 1-0.

O Lasitano evorense foi a Regaengos ganhar por 3-1, enquanto que o União de Montemor e o Juventude derrotaram por 2-0, respectivamente, os grupos do S. L. e Évora e Estremós.

BELENENSES É CAMPIÃO!



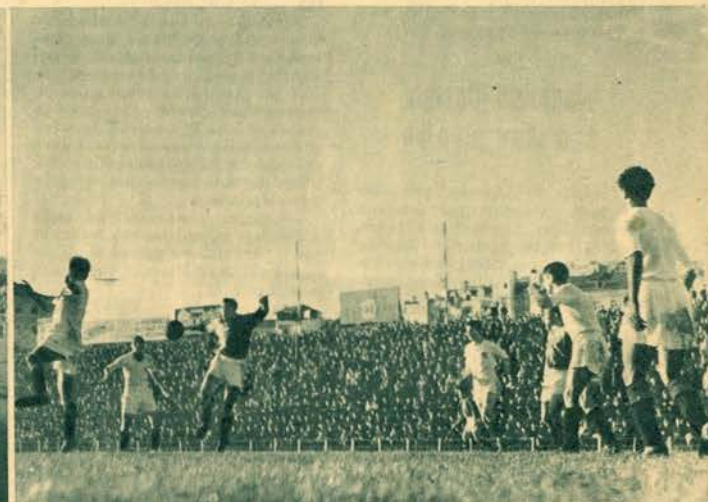
Uma bela jogada, de equilíbrio, graça e movimento. Curtinhal conseguiu defender bem. Eloi e Félix querem intervir. A luta não deixa descansar



Curtinhal defende. Mas Armando tem esperança de que a bola lhe venha parar aos pés



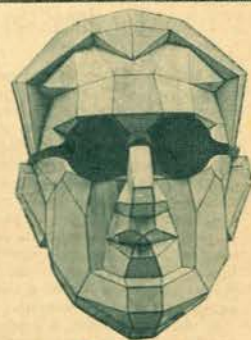
A asa esquerda belenense, José Pedro e Rafael, encontra um obstáculo. O defesa Reis encarrega-se de destruir o seu trabalho



A Cuf defende-se com ânimo. José Pedro está quasi na área perigosa, desenvolvendo um ataque de boa ligação



Há jogadas confusas. Eduardo Santos, em tarde pouco feliz, defende com dificuldade e sob a protecção de Armando. Os belenenses, Gomes, Eloi e José Pedro, estão atentos. Sabe-se lá!



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
136, RUA DA FRATA, 140
Telefone 22829 LISBOA